

19 MAR 2007

SAÚDE ■ Novo hospital investiu em tecnologia, mas se esqueceu do cidadão

Hospital inacessível torna cada consulta um risco ao paciente

Rafania Almeida

O edifício do novo Hospital do Coração do Brasil, no Setor Hospitalar Sul (SHS) absorveu significativos investimentos em equipamentos e tecnologia, mas esqueceu de dar prioridade aos pedestres e pacientes do lado de fora do prédio. Faltam calçadas, o acesso para deficientes é dificultado e não há estacionamento suficiente para os veículos. Para os pacientes das clínicas do SHS, fazer uma consulta tornou-se um risco.

O técnico Luiz Laurindo da Silva, 55 anos, precisa ir ao Hospital Santa Luzia, ao lado do Hospital do Coração e reclama da falta de segurança para os pedestres.

— Não tenho carro. Desço na parada de ônibus e caminho

até o hospital. Saio desviando dos carros porque os motoristas não se preocupam comigo, mas não tenho alternativa pois faltam calçadas e faixas para pedestres — disse Luiz.

Ele conta que por três vezes escapou de atropelamentos. Além da falta de calçadas, disputa o pouco espaço que sobra com operários da obra do Hospital do Coração.

— Seria muita ironia morrer atropelado na porta de um lugar que cuida da saúde e da qualidade de vida das pessoas — considerou.

Até as ambulâncias dos hospitais sofrem com a falta de espaço para transitar com a construção do novo hospital. A reportagem do JB presenciou a dificuldade para transportar um paciente. Mesmo com a sirene ligada, alertando para a

emergência no transporte, os carros na via não tinham para onde sair e abrir espaço para a ambulância passar. Uma funcionária do Santa Luzia indignou-se com a situação e disse que nesses trajetos, cada minuto vale a vida do paciente.

Faltam calçadas, o acesso a deficientes é dificultado e não há estacionamento com vagas suficientes

Portadores de deficiência física só conseguem acessar o Hospital do Coração com ajuda de terceiros. As rampas são muito íngremes e eles precisariam disputar espaço com carros nas ruas para chegar até

a clínica.

A aposentada Sueli Martins de Frias, 62, disse que os dirigentes do hospital não pensaram nas dificuldades de locomoção dos pacientes e deveriam tomar providências.

— Já que não há como reconstruir, eles terão de colocar um funcionário à disposição dos pacientes para ajudá-los a se locomover, empurrando cadeira de rodas e apoiando os que estiverem de muleta — disse Sueli.

O Hospital do Coração do Brasil é uma iniciativa do Grupo Santa Luzia e, para funcionar, recebeu investimentos de R\$ 30 milhões.

A unidade foi construída em uma área de 8 mil metros quadrados, e será especializada em procedimentos de alta complexidade.

MARCOS BRANDÃO



Hospital do Coração: planejamento deixou de lado as passagens e o acesso, tanto de pacientes quanto de transeuntes

■ Passarela que interliga edifícios cria polêmica que até agora não foi resolvida

O Hospital do Coração do Brasil e o Santa Luzia são interligados por uma passarela de 48 metros de comprimento e 12 metros de altura, construída entre os prédios. A estrutura permanece como um sério motivo de discussão na Administração de Brasília.

Desde a apresentação do projeto da unidade hospitalar, em 2001, a administração pediu um posicionamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para saber se a estrutura fere o tombamento da cidade. Até agora, porém, não houve uma manifestação definitiva.

— Não podemos falar em hipótese porque não sabemos o que vai acontecer. A antiga Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitacional (Seduh) se posicionou a favor da passarela, mas o Iphan não apresentou nada — disse o administrador de Brasília, Ricardo Pires.

O chefe da Divisão Técnica da Superintendência do Iphan em Brasília, Maurício Pinheiro, disse que o projeto da passarela foi submetido ao órgão, e sua construção foi condicionada à apresentação de estudo. Entretanto, esse estudo nunca foi apresentado, fez-se a construção e a passarela está pronta.

— Tudo vai depender das discussões que ainda ocorrerão entre o Iphan e a Administração de Brasília. É preciso tomar uma decisão urgente de forma que não interfira na paisagem e nas características básicas do Plano Piloto — considerou.

O administrador Ricardo Pires disse que o único precedente para construção de uma passarela que interliga prédios em diferentes lotes foi feita pelo urbanista Lucio Costa, no espaço ocupado pelo hospital Sarah Kubitschek.

Quanto às calçadas e estacionamento, o administrador disse que já cobrou explica-

ções dos responsáveis pelos hospitais.

— A informação que temos é que há um estacionamento ao lado com cerca de cem vagas para atender ao hospital, sem prejuízos ao trânsito. Já solicitamos que eles providenciem a desobstrução das calçadas e facilitem o trânsito de pedestres — afirmou Pires.

O administrador garantiu que apresentou mais um pedido para o Iphan tomar providências o mais rápido possível para solucionar a questão. O Hospital do Coração do Brasil até agora não tem alvará de funcionamento. Ainda não foi examinado. Se o Iphan não aprovar a passarela, a unidade não pode ficar sem a licença até a retirada da passarela.